



450 ANOS

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Caderno		
Seção		
Assunto		

Ana Central
Praca da Sé

Fotos de Paulo Macedo



Nas escavações da Sé, iniciadas em julho passado, diversos materiais encontrados despertam a curiosidade dos arqueólogos, a exemplo de moedas, louças, artesanatos e artefatos de adorno

Escavações na Sé explicam origem da cidade

Resultado das pesquisas realizadas no local deverão ser divulgados até o final do próximo ano

Carmen Vasconcelos

Até o final do próximo ano, a equipe do Museu Arqueológico e Etnológico da Universidade Federal da Bahia estará apresentando os resultados das pesquisas realizadas no local onde foi instalada a primeira catedral do Brasil, na Praça da Sé. De acordo com o responsável pela pesquisa, o arqueólogo Carlos Etchavarnier, é a primeira vez que um estudo desta natureza é realizado dentro de uma área ur-

bana. "Salvador é rica do ponto de vista histórico e arqueológico. A iniciativa da prefeitura de reurbanizar a área foi o pretexto ideal para realizarmos um trabalho sobre o monumento da primeira Sé Matricial do país", resalta.

Para Etchavarnier, todo o interesse sobre o local se justifica na medida que a primeira catedral do país viu nascer a cidade e a sociedade soteropolitana. "Conhecer esse passado é fundamental para entendermos melhor a estrutura de Salvador", es-

clarece. O trabalho da equipe da UFBA - além de Carlos Etchavarnier, participam os arqueólogos cariocas Francisco Palermo e Ana Cristina de Souza, e 15 estudantes universitários dos cursos de Sociologia e Museologia - foi iniciado em julho deste ano. A pesquisa no local termina agora em dezembro, mas os testes laboratoriais para a confirmação da idade dos objetos encontrados só será concluído em 99.

Dentre os materiais encontrados estão duas moedas dos reis portugueses João III (fundador

da capital baiana) e seu sucessor D. Sebastião, louças, materiais de construção não-industrializados, materiais do cotidiano como botões, alfinetes e dedais, artesanatos e artefatos de adorno, mais especificamente, colares de miçangas (provavelmente africanas) e argolas de bronze. Outro aspecto que chamou a atenção dos pesquisadores foi o número de sepultamentos dentro e fora da igreja, em especial, o enterro de uma pessoa que guardava uma moeda numa das mãos. Esse costume

pode ser observado até os dias atuais e supõe-se que se destinava ao pagamento do "Barqueiro do Céu". Segundo Etchavarnier, a utilização da catedral como jazigo era um procedimento normal, que revelava o status social dos indivíduos: quanto mais próximo do altar-mor, mais importante era o sepultado.

A primeira igreja da Sé foi construída a pedido de Tomé de Souza, na época do seu desembarque em terras brasileiras. Sua estrutura inicial era feita de barro e palha, sendo substituída al-

guns anos depois por cal e pedra. Vale a pena ressaltar que o cal usado era extraído da queima da casca de moluscos utilizados como alimentação dos índios. O material utilizado na construção da igreja era chamado de sambaquis e serviu como base para quase todas as construções daquele período. A demolição da Sé Primacial aconteceu em 1933, quando o bispo local consentiu com a destruição do monumento para a construção dos trilhos que atenderiam ao bonde elétrico.

Contradição histórica

No período em que a primeira Sé foi construída, a sociedade local vivia o limite entre a Idade Média e a Moderna. De acordo com o historiador Cid Teixeira, essa dicotomia estava representada desde a arquitetura da cidade, pois, a exemplo das metrópoles medievais, Salvador era cercada por muros com duas portas. No entanto, possuía um porto aberto até os costumes da época. "A sociedade soteropolitana ao mesmo tempo que lia e aclamava publicações consi-

deradas avançadas na Europa, mantinha ritos religiosos extremamente arcaicos", esclarece o historiador.

A organização local também chamava a atenção por sua formação racial, pois até o final do Século XVI não havia mulheres portuguesas na capitania e as famílias eram formadas por degredados portugueses e esposas índias. "Se pudéssemos resumir a vida na época, poderíamos afirmar que em Salvador havia portugueses maravilhados com

a poligamia e a exuberância da natureza, poucos negros e padres alarmados com tanta permissividade, acenando com o inferno", pontua Cid Teixeira.

A noção de degredo também merece referência nessa sociedade que estava se formando. Segundo Teixeira, os degredados portugueses não eram, necessariamente, foras-da-lei e marginais. Muitas vezes, eram pessoas que, por incomodar a Coroa, eram forçadas à migração.

Acesso à população

Quando a prospecção arqueológica da Sé chegar ao fim, a população de Salvador poderá conhecer o local onde a primeira Sé Primacial do Brasil foi erguida. Além das bases do monumento (que ficarão visíveis através de grelhas de aço inox), nativos e turistas poderão desfrutar de uma estrutura completa de lazer e formação cultural. Serão praças, quiosques, sorveteria, loja de souvenirs, cafés, estandes para venda de acarajé, espaço para exposição e um me-

morial que contará um pouco da história dos 450 anos de Salvador. Tudo isso num espaço privilegiado e com vista para a Baía de Todos os Santos.

O projeto de reurbanização da área obedecerá a dois eixos básicos. O primeiro, voltado para o litoral e que repete a postura do antigo monumento, ligará as bases da Sé Primacial ao adro da igreja (que está situada onde funcionava o Belvedere). Nesse local, além da estrutura logística, haverá uma escultura de Mário

Cravo, que simbolizará a queda da Sé primacial, lunetas para que as pessoas tenham uma visão melhor da Baía e da área que desce a escarpa e um espaço onde as peças arqueológicas encontradas na escavação ficarão expostas. No segundo eixo, dirigido para a lateral da atual catedral basilical, será montado um corredor com quiosques e banheiros, delimitado pelas estátuas do Bispo Sardinha e de Thomé de Souza. Ainda nesse local, será erguido o Memorial da Cidade.

CENTRO HISTÓRICO

Calendário retrata aspectos culturais

Cris Barreto

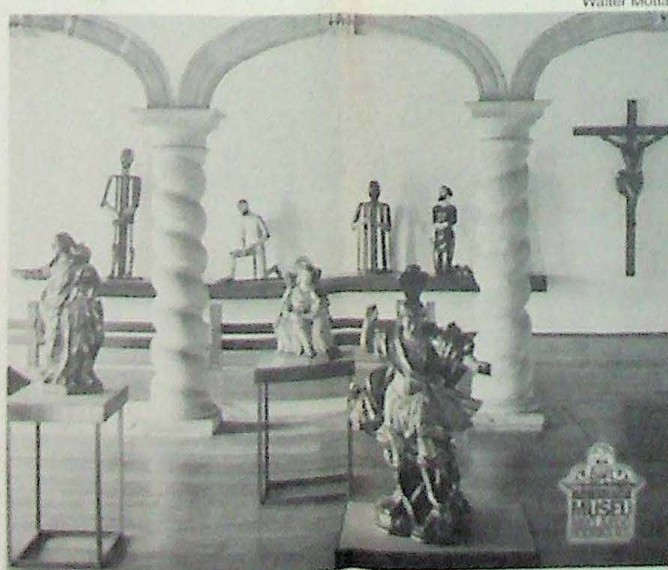
Chamar a atenção do público para imagens não observadas no dia-a-dia, valorizando o berço da arte e da cultura baianas. Esta é uma das propostas do calendário 99 do Centro Histórico de Salvador, que, na sua terceira edição consecutiva, faz uma homenagem ao 450º aniversário da primeira capital brasileira. A iniciativa, que conta com o apoio da Secretaria da Cultura e Turismo do Estado e da prefeitura municipal, é do grupo Quarteirão Cultural, formado em 95 por moradores e comerciantes do local, com o objetivo de realizar ações para a preservação do Centro Histórico.

Na edição do aniversário da cidade, o calendário traz um texto de apresentação do prefeito Antonio Imbassahy. "Cidade mesclada de etnias, credos e costumes, Salvador é um celeiro de arte e cultura, cuja memória encontra registros profundos na sua gente, com suas expressivas manifestações, e na sua arquitetura, com seus estilos e obras de arte", diz o prefeito, lembrando que "o Centro Histórico, reconhecido pelo Unesco como Patrimônio da Humanidade em 1985, traduz a sua melhor identidade: nas cores, laideiras, sobrados, igrejas e monu-

mentos, tão bem preservados e integrados à paisagem urbana".

Registros - Como explica a presidente do grupo Quarteirão Cultural, a advogada e moradora do Centro Histórico há quatro anos, Bia Catharino diz que o calendário teve uma tiragem de 12 mil exemplares, distribuídos gratuitamente entre as entidades, comerciantes e artistas plásticos participantes do projeto deste ano. São 34 registros fotográficos de casas comerciais, detalhes, museus, igreja, galerias e ateliês, entre outras composições, cuidadosamente clicados por Francisco Martinet. A direção de arte e o projeto gráfico são de Alexandre Pereira, o projeto é uma idealização do marchand Rogério Pereira, e a arte final é assinada por Erik Lingerfelt.

Com a foto do Memorial do Centro Histórico, o calendário deste ano traz um texto da diretora geral do Ipac, Adriana Castro, que destaca a importância da preservação da memória de um povo. "O Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador teve início num momento em que o arruamento físico-ambiental da área se juntava à degradação social das populações residentes,



causando impactos econômicos e sociais das populações residentes, causando impactos econômicos e sociais negativos sobre a cidade como um todo", diz Adriana Castro.

A diretora do Ipac acrescenta que a criação do Memorial do Centro Histórico busca manter vivo o registro deste processo de intervenção, hoje exemplo em escala mundial, registrando todo o processo histórico, desde a fundação da cidade.

O calendário, idealizado pelo grupo Quarteirão Cultural, traz 34 imagens significativas do Centro Histórico

Processo durou um ano

Pouco depois do lançamento do calendário 99 do Centro Histórico, na primeira quinzena deste mês, o grupo Quarteirão Cultural começou a trabalhar visando a quarta edição do calendário. O trabalho leva quase um ano e começa desde a observação dos espaços que serão registrados, seleção dos participantes, trabalho de campo, escolha de fotos organização e vai até a publicação e distribuição.

"Nosso objetivo não é financeiro. O custo é rateado entre os participantes, e o calendário é distribuído gratuitamente entre os parceiros, que repassam a clientes e amigos", explica, lembrando que é uma produção independente que conta com o apoio do governo do estado e da prefeitura municipal. "O lançamento do projeto já integra o calendário oficial de eventos do Centro Histórico", diz Bia.

"O Centro Histórico é o berço de Salvador, a cidade cresceu aqui", destaca a presidente do grupo, Bia Catharino, lembrando que a concentração de museus e demais entidades culturais revela esse berço cultural. "A revitalização do Centro Histórico tem que estar ligada à educação patrimonial. É preciso fazer com que as pessoas respeitem o centro, que é um patrimônio da humanidade, co-

mo outros centros culturais do mundo", revela Bia, acrescentando que o Centro Histórico não pode ser visto apenas como um espaço para festas e demais manifestações, "deveria ser um local essencialmente cultural, não sendo adequado para um centro de shows".

A opinião é endossada pelo diretor de marketing do grupo e executor do projeto do calendário, Rogério Pereira, que além de ser morador, é comerciante do Centro Histórico. "Lutamos pela preservação e queremos fazer do local um espaço não só para a cerveja nas praças, mas um reduto da arte e da cultura". O marchand conta que a ideia surgiu de um trabalho semelhante capitaneado pelos artistas plásticos Maria Adair e Ivan Brandão. "O nosso trabalho envolve os lojistas e também artistas, que mostram o trabalho produzido em seus ateliês", diz.

Rogério destaca que este ano a mensagem do prefeito Imbassahy marca a homenagem feita aos 450 anos de Salvador, assim como o texto de Adriana Castro, do Ipac. Nos anos anteriores, o calendário contou com texto de Jorge Amado, na primeira edição, e do presidente da Fundação Gregório de Mattos, Francisco Senna, no segundo ano.